



**CASTELO EM PALAVRAS, AMOR EM MORADA
CASTLE IN WORDS, LOVE IN DWELLING**

**Sandra Maria Souza de Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**

I BIBLIOTECA CASTELINHO, AMOR LOUCO

Quando te conheci, apresentei-lhe meu amor sem legendas...
Coloridas foram às imagens e lendas
Quando te conheci
De amor quase enlouqueci

A sua forma em castelo, me fez apaixonar
E o seu amor a questionar...
Nos livros que toquei
Sussurros de amor eterno expressei

Pensamentos em desatinos
Descortinam o meu ser
Universo propício a perecer
Faz o meu mundo transformar e viver

Virtudes próprias a distingue...
Em ser referenciada com louvores
És a mais bela de todas as cores
Merece todos os aplausos e amores

Não importa a dimensão tão bela
Em ser uma das sete maravilhas de Castelo
Na mais bela aquarela
Meu fascínio é amoral sem igual

E agora que fazes parte do meu ser
Para ti quero sempre viver
A revelar-me que outrora a desejei
E as suas entranhas almejei...

II AMOR, ESTRANHO AMOR!

Procurei sei amor
Na imagem sem reflexos
Queria o só para mim
Mas encontrei serafins

Talvez estivesse guardado
Na gaveta do armário
Onde as poetizas guardam o seu tesouro
No mais breve enlouquecer...

Procurei o seu amor
Na explosão dos seus olhos
Como um vulcão preste a explodir
A consumir meu coração, antes de partir...

Amor que incendeia meus pensamentos
Como lágrimas ao vento
Amor que incinera os meus lábios e aromas...
De coração que nunca alcançarei

Amor sem limites humano
Na busca de um supremo engano
Onde o teatro despencou
E a alma resgatou...

Puro e infame amor
Vem curar a minha dor!
Quase desesperada estou!
Onde estiver, seguirei eternamente o seu calor.

III ANIVERSÁRIO DE UM CASTELO

E o Castelo está em festa
Com balões coloridos e muita serpentina
Tem príncipes para as meninas
Bem no coração da cidade

Onde a poesia não tem idade
Biblioteca com as suas formas em Castelo
Que fez 44 anos de primaveras
Alma de um povo e memórias literárias

Que se desvela a cada olhar
Despertando a paixão
Com muita literatura e animação
Princesas e histórias sem fim...
Que faz memorar o pirlimpimpim!

Tapete vermelho para quem quiser desfilas
Sarau poético com violão
Vocês vão amar!
Comes e bebes para despertar

Luzes que se expandem
Vislumbram estrelas e reflexos
Embarcação que norteia leitura e primor
Exalando perfume da mais bela flor!

IV CASTELO, CASTELENSE

Dizer o quê de você, Castelo?
Cidade-caminho, cantinho escolhido,
onde cada pedacinho do chão
guarda um cheirinho antigo de história
e um gostinho vivo de permanência.

No seio da serra, dormem maravilhas:
a Gruta do Limoeiro —
labirinto mansinho e selvagem,
onde o passo segue devagarinho
e o silêncio sussurra baixinho
segredos tingidos de azul profundo.

E o Santuário de Aracuí,
santinho e imenso ao mesmo tempo,
chão abençoado, destino certo,
onde o povo, de coração quentinho,
sobe em oração, sobe em caminho,
encontro de fé, de povo e de tempo.

Há também a Cachoeira do Pedregulho,
espelho vivo, canto molhadinho,
paredões imensos, água em redemoinho,
ar perfumado, florido, fininho,
um espetáculo que fica todinho
gravado no corpo, gravado no olhar.

E o Pico do Forno Grande,
onde o mundo parece pequenininho,
vento solto, horizonte aberto,
maciços rochosos, passo certo;
Castelo inteiro cabe ali
num suspiro breve e miudinho.

A Igreja Matriz se ergue imponente,
orgulho sereno do povo castelense;
fé que não anda sozinha,
vive no gestinho, no sinal da cruz,
no olhar atento, no costume antigo,
monumento vivo da identidade.

O Casarão da Fazenda do Centro
conta histórias sem pressa:
tempos áureos do café,
colonização, suor e ação,
um livrinho aberto da memória
que ainda ensina a região.

E quando é festa, Castelo floresce:
Corpus Christi, tradição colorida,
tapetinho após tapetinho,
mãos artesãs, fé repartida;
emoção corre solta pelas ruas
e a cidade vibra inteirinha.

Tem biblioteca, sim —
o Castelhinho, de nome bonito,
Ciro Vieira da Cunha na placa,
mas no povo é só carinho:
livrinho, silêncio, pensamento,
um refúgio mansinho para sonhar.

Castelo é isso:
não cabe em mapa nem retrato.
É caminho, é ninho, é destino.
Quem chega, fica um pouquinho;
quem parte, leva no peito
um amor eterno —
pequenininho no nome,
gigante no coração.